



Estamos a algumas centenas de dias do século vinte e um e vivenciamos uma era de “maravilhas” tecnológicas. Com um clique no botão do computador, um texto aparece instantaneamente no outro lado do planeta. Com outro clique, uma aplicação financeira “foge” de um lugar. Nem vou ficar enumerando as “maravilhas”, não é essa a intenção deste artigo. A tecnologia tem sido realmente um grande feito do ser humano, a cria maior da Revolução Industrial.

A questão que levanto aqui é se o caminho que estamos seguindo está correto. Será que tudo que é high-tech é bom para o Homem, sua razão de ser e seu consumidor final?

Por exemplo, no campo médico, a informática foi sem sombra de dúvida o grande instrumento para melhora dos recursos para diagnóstico, em especial na área da imagem. Vide ultrassom, tomografia computadorizada e ressonância magnética, só para citar alguns exemplos. Na área de produtos de consumo posso citar o compact disc, que fez sumir o disco de vinil com grandes vantagens sobre seu antecessor. Por outro lado, existem tecnologias que não deram certo. Vale lembrar aqui o relógio de pulso digital. Surgido no início da década de 70, o relógio digital foi a coqueluche, o símbolo da modernidade. Parecia que desbancaria totalmente o relógio de ponteiro na década de 80. Mas depois de 20 anos, não o tenho visto mais no pulso das pessoas (e os que usam é para não ter muito prejuízo quando um larápio aparece no seu caminho). A hora é mais fácil de ser compreendida de maneira analógica. É mais fácil entender que “faltam poucos minutos para as 10 horas” do que “são exatamente 9 horas, 57 minutos e 12 segundos”.

A “era da maravilha tecnológica” trouxe-nos também um mundo mais complicado, digamos. Mais botões, mais regras, mais comandos, mais operações. Hoje temos vending-machines à disposição, mas “ops, uma nota de cinco não serve, cadê a de um, ou a moeda?” Coloque a moeda no local certo, verifique se foi aceita, uma vez aceita, selecione o botão do guaraná, aperte o botão, retire-o da máquina, puxe a lingueta da lata pelo lado certo, ufa. Pensemos, não era mais fácil chegar num bar, tirar uma nota de 5 e pedir um guaraná? Quem não teve a oportunidade de programar o aparelho de videocassete para aquele parente com mais idade, ou que tenha pedido para o amigo “que manja do assunto” fazê-lo?

Quero deixar claro que não sou nenhum saudosista, daqueles que acham que é melhor voltar a vivermos no meio do mato. Não! O que

A máquina amiga do ser humano



não consigo crer é na tecnologia à qual o ser humano precisa se adaptar. Não acredito na tecnologia que exclua dos seus usuários um grupo de seres humanos, seja pela formação, seja pela faixa etária. Nós, os consumidores dos produtos da tecnologia, deveríamos nos preocupar em como usá-los para o bem estar, e não em como fazê-los funcionar. Quando a “operação” (veja, ‘operação’ e não ‘instalação’) começa a ficar complicada e temos que chamar um técnico, essa tecnologia está furada. Essa “máquina” não é amiga do ser humano.

A mesma idéia se aplica na área do computador pessoal. Esse deve ser, antes de mais nada, amigo do usuário. Deve servir para facilitar a vida, melhorar a qualidade de vida do ser humano. Nunca fui um macmaníaco roxo. Todas as vezes em que a Apple dava tropeços, analisei outros meios de computação. Mas quanto mais tenho usado o Macintosh, mais sinto que ele possui

esse perfil de ‘amigo do ser humano’. Por isso continuo com ele. E olhem, meu pai aprendeu a operar um Mac quando tinha 73 anos de idade! Na minha modesta opinião, a Apple, mais do que um mero fabricante de computador, tem sido um fabricante de conceitos. De como usar a tecnologia em favor do ser humano. Creio que o seu produto Macintosh, apesar de ser uma plataforma minoritária, nunca perdeu os admiradores por causa desse fator. Espero que continuem sempre com a preocupação de mostrar-nos o que é, e como deve ser feita, uma máquina amiga do ser humano. **M**

KAZUSEI AKIYAMA

É médico em São Paulo, já teve nove Macs e é também um otimista.

caju@wco.com

As opiniões emitidas nesta coluna não refletem a opinião da revista, podendo até ser contrárias à mesma.